

Como as práticas corporais permeiam os espaços escolares e o cotidiano dos estudantes da EJA? O golfe adentra a escola.

Jacqueline Cristina Jesus Martins
CIEJA Aluna Jessica Nunes Herculano

O relato aqui apresentado foi realizado entre os meses de abril e junho de 2017 nas aulas do componente curricular Educação Física na modalidade Educação de Jovens e Adultos. As aulas de educação física acontecem uma vez por semana e de acordo com os registros o trabalho foi realizado com doze aulas para as turmas da manhã e dez aulas para as turmas da tarde. Essa diferença advém do dia da semana em que as aulas são ministradas, às vezes coincide com feriados ou atividades da escola que impossibilita a realização da aula como reuniões pedagógicas, saídas para passeios, assembleia de estudantes, etc.

Com a intenção de situar o leitor, o Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos - CIEJA Aluna Jessica Nunes Herculano, local onde o trabalho foi realizado, é uma escola que atende apenas a Educação de Jovens e Adultos (EJA) nos períodos da manhã, tarde e noite, com seis turnos de duas horas e quinze minutos. A escola não possui quadra ou pátio para a realização das aulas de educação física e por isso as aulas acontecem na rua, em frente à escola.

Os estudantes que participaram desse trabalho são da Etapa de Alfabetização e da Etapa Básica e as turmas são compostas por pessoas de 15 a 88 anos. Dentre os estudantes temos pessoas que vem direto do trabalho para a escola, pessoas que vão para o trabalho logo após a aula, aposentados, pessoas que não trabalham e estudantes com deficiência. Entre as quatro turmas que participaram do trabalho, havia 24 estudantes com deficiência.: 10 com deficiência intelectual, 6 com Síndrome de Down, 1 com deficiência múltipla – associando deficiência intelectual e física, 3 usuários de cadeira de rodas, 2 estudantes surdas, 1 com Síndrome de Pader – Willi e 1 com transtorno do espectro autista. Essa composição das turmas, que abarca muitas diferenças, é uma das características dessa escola e o que faz com que o trabalho precise percorrer diferentes caminhos na tentativa de não deixar ninguém de fora.

Durante o período de duração do trabalho, as graduandas do curso de Pedagogia da FEUSP, que participavam do subprojeto *O trabalho colaborativo para a construção de práticas corporais inclusivas em escolas de educação infantil e ensino fundamental I*

do PIBID¹, envolveram-se em todas as atividades, o que foi de grande importância, pois acompanharam os momentos de reflexão sobre as aulas, planejamento, organização dos registros e das formas de avaliação, isso nos possibilitou a construção coletiva do trabalho, algo relevante para que as ações didáticas fossem pensadas e realizadas.

O caminho percorrido para a escolha da prática corporal golfe passou pelo estudo realizado anteriormente, entre os meses de fevereiro e março de 2017, quando estudamos a prática corporal slackline². O trabalho foi relevante, proporcionou novas experiências e possibilitou outros conhecimentos, porém percebemos que por ser uma prática que requeria uma questão corporal um pouco mais “arriscada”, os estudantes mais velhos e/ou os que possuíam alguma dificuldade com a mobilidade – vale ressaltar que as turmas eram compostas por pessoas com mobilidade reduzida e usuários de cadeiras de rodas – acabaram por vivenciar com menor intensidade as experiências do slackline. Um dos motivos que trouxeram a prática do slackline para as aulas de educação física naquele momento, foi o fato de estar relacionado ao Projeto Especial de Ação (PEA)³ da escola, que durante aquele ano se debruçava sobre a presença e participação dos estudantes mais jovens em nossa escola, visto que há uma cerscente desse público nessa modalidade educacional. Com o intuito de atrair mais o interesse desses estudantes para a participação das atividades na escola, reconhecemos que o estudo do slackline foi uma boa escolha, pois percebemos uma maior participação desses estudantes nas atividades, porém, percebemos que para os demais estudantes as vivências foram permeadas pela necessidade de ajudas, adaptações e flexibilizações, o que tornou o estudo um pouco mais monótono.

A partir da constatação de que um grupo teve a sua participação nas aulas dificultada pelo fato da prática corporal estudada exigir algumas questões corporais das quais eles não tinham tanta facilidade, para a escolha da próxima prática corporal que estudaríamos, levamos em consideração de que força, equilíbrio e velocidade não poderiam ser características principais da modalidade, pois novamente os colocaria em uma situação de subjugados. Essa atitude de equilibrar a participação de todos os sujeitos

¹ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - Programa do Governo Federal, coordenado pela CAPES que tem como principais objetivos: o incentivo à formação inicial de professores; a valorização do magistério; a melhoria da qualidade da educação básica; promover o diálogo entre a Educação Superior com a Educação Básica do sistema público; ascender à qualidade das ações acadêmicas direcionadas à formação inicial de professores nos cursos de licenciaturas das IFES (Instituições Federais de Educação Superior).

² O relato de prática está disponível em http://www.gpef.fe.usp.br/teses/jacque_12.pdf

³ Projeto Especial de Ação – momentos de formação coletiva em que se estuda e discute possibilidades de ações e intervenções em determinados temas presentes na escola.

presentes nas nossas aulas é importante para que todos se reconheçam como componentes do grupo e tenham as suas características reconhecidas e seus interesses presentes no currículo escolar e da educação física. Também levamos em consideração que nos módulos 2 e 3, a presença de jovens é pequena, a maioria se concentra nos módulos 4 ou seja na Etapa Final. Com isso, mesmo nos afastando da proposta do PEA, garantiríamos outros princípios do currículo cultural para a seleção da prática corporal que seria estudada, como a justiça curricular, o reconhecimento da cultura corporal da comunidade e a ancoragem social.

Na aula seguinte a finalização do trabalho com o slackline o dia estava chuvoso, o que impossibilita a realização de atividades na rua, portanto, nesse dia a aula foi realizada dentro da sala. Reconhecendo que as salas são pequenas, e que as turmas tem em média 20 estudantes, organizamos uma atividade em que todos pudessem participar sem a necessidade de muitos movimentos e/ou deslocamentos. Lembrando que estávamos pensando em escolher uma prática corporal que dialogasse com os conhecimentos dos estudantes e que não privilegiasse as capacidades físicas já citadas. Em uma tentativa de tentar extrair dos estudantes mais informações sobre as relações que eles tinham com as práticas corporais, organizamos atividades com copos de plástico e bolinhas de tênis. Os estudantes permaneceram sentados em um círculo e tinham que lançar a bola no copo dos colegas. Ora a bola era lançada com a mão, ora com o próprio copo. Durante a atividade observamos as falas e percebemos um momento de descontração entre os estudantes. Ao propormos um “desafio”, em que deveriam conseguir dez lançamentos consecutivos sem deixar a bolinha cair, o clima ficou mais animado e as pessoas passaram a sorrir e fazer brincadeiras entre si. Também observamos uma maior preocupação em lançar a bola de um jeito mais fácil, para que conseguissem cumprir o desafio. Um fato curioso é que em todas as quatro turmas houve grande participação dos estudantes com deficiência sem a necessidade de adaptações ou flexibilizações e foi interessante como cada pessoa com a sua especificidade criou suas formas de arremessar e receber a bola. Quando observamos esses acontecimentos nas aulas, percebemos que a proposta inclusiva está se realizando, pois não requer que a atividade da aula seja diferente para esses estudantes.

Ao final da aula conversamos sobre o que estava envolvido naquela atividade, os estudantes responderam “mira”, “acertar o alvo”, “encaixar”. Reconhecendo que eles relacionaram a ação principal da atividade, acertar um alvo com a bolinha, solicitamos que eles relatassem quais eram as práticas corporais que eles conheciam que envolvessem

o mesmo princípio, que era de acertar um alvo com o lançamento/arremesso de algum objeto. Entre as quatro turmas, surgiram: sinuca, golfe, *curling* (não sabiam o nome mas descreviam um jogo que entendemos como esse), basquete, futebol, bolinha de gude, tiro ao alvo, argolas, boliche, boca do palhaço e taco. O vôlei também foi citado, mas após explicação sobre as formas de pontuar no vôlei, não entendemos como uma atividade que tenha um alvo específico, pois pontua em qualquer lugar que caia, variando apenas para que equipe vai o ponto.

Quando percebemos a riqueza de práticas corporais que foram citadas pelos estudantes, nós nos entusiasmamos, pois percebemos que eles possuem muitos conhecimentos sobre as práticas corporais, mesmo sem ter vivenciado-as. Reparamos que a mídia é uma das grandes formas de acesso aos conhecimentos sobre as práticas corporais, e que mesmo sem a possibilidade de terem experimentado algumas das modalidades citadas, eles reconhecem as suas existências.

Falamos para os estudantes que experimentaríamos algumas das práticas citadas para que pudéssemos escolher qual ou quais estudaríamos, e eles se mostraram entusiasmados por estudar essas novas práticas. Alguns se remetiam a experiências da infância quando falaram da bolinha de gude enquanto outros se encantavam com a possibilidade de vivenciar uma prática nova.

Apesar do nosso contentamento com as muitas possibilidades de trabalho que surgiram, ao mesmo tempo ficamos preocupadas pois precisaríamos verificar quais materiais estavam disponíveis na escola para a realização das práticas, quais seriam possíveis comprar, como planejar esses estudos, como organizar os espaços da rua, entre todas as dificuldades específicas de ter que realizar a aula na rua.

Após a aula nas quatro turmas, de posse dos registros que fizemos com as falas dos estudantes, recorremos a um livro chamado **O livro dos esportes**⁴, um livro muito bonito e que chama a atenção, pois sua capa é coberta com uma grama sintética e sempre que as pessoas o veem querem tocá-lo e manuseá-lo. Ao folarmos o livro em busca de informações sobre as práticas citadas pelos estudantes nos deparamos com a forma de classificação que ali foi utilizada. Dentre as categorias apresentadas, havia uma chamada

⁴ O Livro Dos Esportes - Os Esportes, As Regras, As Táticas, As Técnicas / consultor editorial Stubbs, Ray; [tradução de Alexandre Tuche et al.] – Rio de Janeiro: Agir, 2012 - O livro traz informações sobre mais de 200 esportes praticados no mundo, trazendo fatos e tabelas numéricas sobre vencedores e eventos especiais; regras e funcionamento dos esportes, as técnicas, as táticas e os segredos dos tidos como grandes campeões do mundo, entre outras coisas.

esportes de pontaria e entre os esportes presentes nessa categoria estavam alguns dos que haviam sido citados pelos estudantes. Continha nessa categoria: golfe, *croquet*, *curling*, boliche na grama, petanca, boliche com 10 pinos, boliche com 5 pinos, *atlatl*, *skittles*, arremesso de ferradura, sinuca, bilhar, bilhar americano, dardos, arco e flecha, tiro com pistola, tiro ao alvo com carabina e tiro ao alvo com rifle. Entendendo que essa era uma possibilidade de categorização dentre tantas outras e observando a presença de algumas das práticas citadas pelos estudantes, resolvemos utilizar essa nomenclatura no nosso trabalho: jogos de pontaria.

Antes de iniciar a aula seguinte, levamos o livro para os estudantes conhecerem e propusemos o estudo dos jogos de pontaria, pois reconhecíamos que nem tudo que havia sido dito por eles eram esportes, como por exemplo a boca do palhaço ou a argola. Eles toparam e assim como nós, quando lemos o nome dos demais esportes presentes na lista do livro eles informaram que nunca haviam ouvido falar em vários deles. Dando continuidade à aula, realizamos as atividades em um formato ainda não experimentado nas nossas aulas de educação física: o circuito. Organizamos quatro estações com diferentes jogos que denominados “de pontaria”. Uma estação reproduzia o arremesso do “basquete”, uma segunda estação tinha um jogo de argolas, a terceira era a da boca do palhaço, e a quarta simulava um jogo de boliche.

Antes de iniciar a vivência, perguntamos se os estudantes identificavam quais eram as práticas ali representadas e se reconheciam quais eram seus espaços de ocorrência social. Os estudantes reconheceram os jogos de pontaria em diferentes espaços, como nos Jogos Olímpicos, nas festas juninas e em parque de diversão. Em sua grande maioria os estudantes reconheceram as quatro modalidades presentes e sobre a experiência que já tiveram com alguns desses jogos, eles apresentaram que já haviam praticado a argola e a boca do palhaço pois esses jogos existem em parques e em festas juninas, muitos já brincaram nas escolas de seus filhos. Já o basquete e o boliche eram mais conhecidos através da televisão, porém alguns estudantes já haviam praticado em alguns momentos, em sua grande maioria esses sujeitos eram os homens mais jovens.

Divididos em equipes, a proposta da aula foi experimentar cada uma dessas possibilidades de acertar diferentes tipos de alvos com diferentes materiais. Em um formato de competição entre as equipes, onde cada uma permanecia por um tempo determinado em cada uma das estações com o objetivo de fazer o maior número de pontos que conseguissem. Utilizamos os materiais disponíveis para reproduzir as práticas corporais que haviam sido citadas. Para a cesta de basquete utilizamos um cesto de

plástico com o fundo cortado; para o boliche utilizamos garrafas de plástico de 600ml com água dentro e as bolinhas de softball que são pesadas; para o jogo de argolas utilizamos mini cones e argolas de plástico e a boca do palhaço pegamos emprestada em uma escola próxima a nossa.



Figura 1 - Experimentando os jogos de pontaria - Basquete; Boliche; Argolas e Boca do Palhaço

Após a realização de todas as rodadas, onde cada estudante passou pelas quatro estações, notamos um grande interesse pelo basquete, afinal, é um jogo conhecido e que a maioria já viu pela televisão, o que lhes garantiam maior segurança para praticar. Deixamos essa anotação “na manga”, pois poderia ser uma possibilidade de escolha de tematização.

Observamos que foi uma aula em que a maioria participou intensamente, mostrando-se bem competitivos e animados. Vale ressaltar, a surpresa relatada nas falas dos estudantes que não possuem deficiência no momento da competição acerca dos estudantes com deficiência que se saíram muito bem.

Na aula seguinte, ainda tentando reconhecer os saberes dos estudantes e propondo a experimentação de algumas das práticas citadas no mapeamento, realizamos novamente a aula no formato de circuito, mas agora com outras quatro modalidades que haviam sido relacionadas: o golfe, o dardo, o alvo e o *gateball*. Para essas vivências, utilizamos canos de pvc cortados para fazer o papel do buraco do golfe, e pedaços de papelão no chão fizeram a vez dos arcos do *gateball*. O alvo estava desenhado no chão e era acertado com o *medicineball* de 1Kg e os dardos eram de imã, para garantir a segurança de todos.



Figura 2 - Experimentando os jogos de pontaria – Dardo; Golfe; Gateball; Alvo

Em uma das turmas da manhã um episódio ocorreu e acabou marcando as vivências daquela turma durante algumas aulas. Logo que chegamos na sala de aula para conversar com a turma e recordar o que havíamos feito na aula anterior, um dos estudantes com deficiência, o André, logo relatou que havíamos feito os jogos de “putaria”, e o riso correu solto na turma. Relembramos que o nome correto era pontaria, mas durante algumas aulas os estudantes brincavam que estavam indo para a aula de “putaria”. Apesar do erro da palavra, André demonstrou saber sobre o que estávamos falando e lembrou o que havíamos realizado, demonstrando inclusive ter compreensão do que foi discutido. Isso nos mostra o quanto as pessoas com deficiência também aprendem, e que a inclusão escolar não é apenas a socialização, mas é a oportunidade deles acessarem diferentes conhecimentos.

Novamente iniciamos essa aula com algumas questões sobre essas práticas corporais. As respostas nos mostraram que essas novas modalidades já se distanciavam um pouco mais da vida desses estudantes. Com exceção da Dona Myco, uma senhora de 88 anos, que jogava *gateball*, os demais estudantes apenas conheciam essas práticas da televisão. Percebemos que algumas práticas como o golfe é vista apenas na mídia, principalmente em filmes ou programas, eles nunca assistiram uma partida de golfe, assim como nós, professora e estagiárias. Isso significa que eles conhecem essa prática a partir de algumas cenas vistas em novelas e filmes, reconhecem alguns equipamentos, ou o espaço de jogo, mas não sabem as regras, o objetivo do jogo, quem são os praticantes, entre outras coisas.

O fato dessas quatro novas modalidades experimentadas trazerem novos elementos para as vivências, como as bolas de 1Kg para a tentativa de acertar um alvo demarcado no chão, o manuseio dos dardos e a manipulação de tacos para fazer com que as bolinhas atingissem o alvo geraram algumas dificuldades, e tivemos alguns alunos dizendo que as atividades estavam mais difíceis. É claro que havia um componente a mais que atrapalhava, que é o fato do asfalto fazer com que a bolinha de golfe trepide bastante e a inclinação da rua que atrapalhava a bolinha do *gateball* manter o seu traçado, mas seguimos na tentativa de tentar superar os obstáculos, pois não temos as condições ideais de espaço para a realização das aulas.

Ao final da aula, observamos que estudantes demonstraram bastante interesse nas vivências e gostaram do formato competitivo, e isso é algo que notamos em nossas aulas. Diferente da aula anterior, observamos uma competitividade mais saudável durante os jogos. A aula aconteceu sem a necessidade de adaptação aos estudantes com deficiência, que participaram de todos os jogos, inclusive, obtendo boas pontuações, superando as expectativas de alguns colegas. O fato de não ter sido necessário nenhuma adaptação ou flexibilização para a participação dos estudantes com deficiência é muito importante, pois percebemos que a cada aula em que não há a necessidade de organizarmos muitas outras formas de participação das pessoas, mais próximo estamos chegando de aulas que incluam todas as pessoas, e isso nos parece essencial para um grupo de estudantes que possuem grandes diferenças entre si.

Finalizando essas duas aulas, já tínhamos alguns elementos para direcionar as nossas tomadas de decisão sobre o que estudaríamos em nossas aulas. O primeiro ponto que chamou a atenção foi o fato do golfe ter sido um esporte que apareceu em todas as turmas. Em nossas cabeças uma questão incomodava: *como um esporte tão elitista e distante da realidade desses estudantes aparece em todas as turmas?* E um segundo ponto que nos ajudou na tomada de decisão foi a presença da estudante Myuco, uma senhora japonesa de 85 anos, que joga *gateball* em um clube municipal próximo a nossa escola. Ela havia ingressado a pouco tempo no CIEJA com a intenção de aprender a falar português e a nossa comunicação com Dona Myco ainda era difícil, pois ela só fala em japonês, e conhecia poucas palavras em português. As falas com ela eram mediadas com uma outra senhora japonesa, também aluna da escola, que já domina bem a língua portuguesa. Não sabíamos se daria certo, mas imaginávamos que colocá-la em evidência seria uma oportunidade de nos aproximarmos, além de entrarmos em contato com uma outra cultura, pouco conhecida mas que está presente no bairro da escola, pois o clube

onde ela joga fica a 700 metros da nossa escola. Também observamos que tanto o golfe como o *gateball* eram práticas que não privilegiavam o mais ágil, o mais rápido ou o mais forte e isso favoreceria a participação de todos. A partir daí, optamos por tematizar o golfe e o *gateball* em uma tentativa de tentar entender como um esporte tão distante da realidade dos estudantes aparecia na fala de todas as turmas, e porque uma prática que acontece ao lado da nossa escola não é conhecida.

Após a tomada de decisão, passamos a pesquisar sobre essas práticas corporais. No livro que havíamos utilizado como referência para a nossa classificação em jogos de pontaria, não havia nada sobre o *gateball*, então a internet foi uma grande aliada nessa busca. Filmes, informações, regras, locais de prática, tudo no ajudou a entender um pouco mais sobre aquela prática corporal. Já sobre o golfe, o livro trazia muitas informações sobre o esporte, conseguimos um livro de regras da modalidade, acessamos muitos filmes que explicavam regras, história, jogadas, materiais, custos, etc. De posse de algumas informações sobre esse esportes, percebemos que o *gateball* se assemelhava muito com um outro esporte que constava no livro, o *croquet*.

Ainda em busca de conhecer mais sobre o *gateball*, fomos ao clube onde ele é praticado (foram a professora e uma das estagiárias em uma manhã fora do horário de trabalho). Chegando lá vimos a Dona Myuco, acenamos para ela, mas quem veio nos atender foi uma outra pessoa, que se denominou responsável pelo grupo. Foi muito simpático, no apresentou as regras, objetivos, formas de pontuação, filosofia de jogo e nos convidou para ir um dia jogar com eles. Aproveitamos e perguntamos sobre a possibilidade de levarmos os demais estudantes, e fomos informados que seria possível sim. Essa possibilidade já nos deixou contente, pois conseguiríamos a aproximação com os praticantes, e isso seria muito importante para o trabalho proposto.

De posse dessas informações começamos a vivenciar o golfe e o *gateball*, nas duas próximas aulas. As primeiras experiências com essas modalidades aconteceram ao mesmo tempo. Organizamos um espaço com os materiais que representavam o golfe e um outro espaço com os materiais que simulavam o *gateball*.

A grosso modo, o *gateball* é um esporte em equipe, jogado em um espaço de terra batida, que utiliza tacos e bolas numeradas de 1 a 10 separadas pelas equipes par e ímpar. Tem um percurso demarcado por arcos (chamado de *gate*⁵) e um pino central que deve ser alcançado após a realização do percurso. O jogo tem duração de trinta minutos e vence

⁵ Gate em inglês significa portão; no jogo é como se a bola passasse pelo portão.

a equipe que marcar mais pontos. Já o golfe é um esporte individual, que tem como objetivo acertar a bolinha nos 18 buracos do percurso com o menor número de tacadas, sem tempo determinado. Entre tantas diferenças existentes entre esses dois esportes, uma está na forma como se dá a tacada. No golfe o taco encosta diretamente na bolinha que será derrubada no buraco, já no *gateball*, bate-se o taco em uma bolinha que deve bater na outra bolinha, que deve passar pelo *gate*.



Figura 3- A tacada no *gateball* é feita em uma bola para que ela impulsione a outra bola que deve passar pelo *gate*.

Para a realização em nossa escola, utilizamos caixas de papelão para confeccionar os arcos, mas a cada momento que a bolinha acertava o papelão o arco desmontava. Um estudante, que é marceneiro, se prontificou a fazer alguns arcos de madeira para ajudar nas nossas aulas e na aula seguinte ele trouxe o material. Outro ponto que estava dificultando o estudo do *gateball* era a inclinação acentuada da rua. Isso atrapalhava muito as jogadas e acabava por deixar o jogo chato, pois as jogadas sempre acabavam com a bola na sarjeta da rua.



Figura 4 - Experimentando o Gateball

Já para simular o buraco do golfe, com pedaços de madeira que foram doados e cortado com a “serra copo⁶” por um marceneiro que tem sua marcenaria próximo a escola, encaixamos os pedaços de pvc que faziam com que a bolinha entrasse e permanecesse no “buraco”. Apesar de ser diferente de um buraco onde a bola cai, a proposta de ter que acertar um alvo pequeno, quase do tamanho da bolinha no próprio chão fez com que a prática na escola se aproximasse de como ela é de fato. A dificuldade aqui, estava no tipo de solo que tínhamos disponíveis em nossas aulas, o asfalto. Após o primeiro dia, quando identificamos essa dificuldade, fizemos uma arrecadação de tapetes velhos entre estudantes, professores e estagiárias e conseguimos um material que amenizou esse problema.

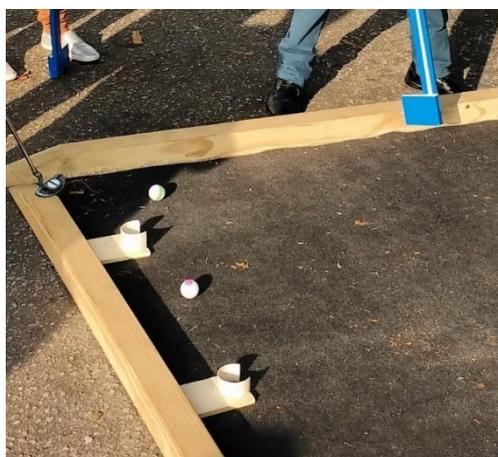


Figura 5 -Como eram os "buracos" do golfe

Notamos que os estudantes estavam atentos há algumas regras apresentadas inicialmente. Também não se apresentavam tão competitivos como nas duas aulas anteriores. Reparamos que se ajudavam com dicas e instruções. Uma das estudantes com deficiência intelectual teve dificuldades de compreender que era uma competição individual, pois não foi utilizado coletes como na aula anterior. Isso nos mostra que em alguns casos os usos de determinados itens nas aulas são importantes para a melhor compreensão dos estudantes com deficiência e não afetariam a realização das atividades.

Para os estudantes com deficiência não foi necessária nenhuma adaptação na atividade, apenas uma orientação no momento em que eles realizavam as tacadas, demonstrando em qual arco deveriam tentar acertar a bolinha ou em algumas turmas a colocação de setas no chão indicando qual era o percurso. Esse tipo de recurso não ajudou apenas os estudantes com deficiência, muitos estudantes que não haviam compreendido

⁶ Tipo de serra que faz cortes circulares em madeiras

a ordem correta dos *gates* também foram ajudados. Isso é importante, pois quando realizamos alguma flexibilização visando garantir a participação das pessoas com deficiência, não supomos que algumas pessoas sem deficiência também utilizarão desse suporte, dessa forma, entendemos que essas flexibilizações não são para os estudantes com deficiência, mas para todos que necessitam de mais suporte independente da sua condição física ou intelectual.

De posse dos novos arcos de madeira, organizamos a aula com as vivências do *gateball*, e acreditávamos que a aula teria um andamento melhor. Organizamos as atividades da aula em um formato que possibilitasse os estudantes experimentarem diferentes tipos de tacada e para isso montamos três estações com distâncias e percursos diferentes. Na 1ª estação apenas um arco mais distante; na 2ª estação, havia dois arcos que incluí uma curva em L no percurso; e por último, na 3ª estação, havia 3 arcos no sentido reto. Apesar dos arcos de madeira terem funcionado e deixado o jogo um pouco mais dinâmico, a inclinação da rua prejudicava muito a realização das partidas, o que deixava as disputas tediosas. Em muitos momentos os estudantes se afastavam da aula e ficavam batendo papo sobre outros assuntos e a aula ia findando-se por falta de interesse.

Mesmo com as dificuldades vistas nas aulas, a essa altura, nós já havíamos produzidos alguns tacos, tínhamos os arcos/*gates* de madeira e já pensávamos na ida com os estudantes ao clube escola para conhecer quem eram os praticantes, o local de jogo, as regras, os equipamentos, enfim, imaginávamos aprender um pouco mais sobre o *gateball*. Porém, um acidente com a Dona Myuco a tirou da escola. Dentre o novo contexto, que eram as dificuldades de realização a ausência da praticante que nos fez escolher aquela modalidade, optamos por permanecer apenas com o estudo do golfe, visto que o uso dos tapetes já havia, minimizado algumas das dificuldades iniciais.

Ao optarmos pela continuidade do estudo do golfe, na aula seguinte, já com mais alguns tapetes para diminuir as dificuldades geradas pelo asfalto, experimentamos as tacadas em diferentes distâncias. Para essa atividade a regra era conseguir colocar a bolinha no buraco com o menor número de tacadas. Cada tapete possuía distâncias diferentes, justamente para que os estudantes calculassem a força necessária em cada situação. Nessa aula lemos algumas regras e algumas regras de etiqueta existentes na modalidade. Os estudantes acharam muito rígidas e afirmaram que não conseguiríamos cumpri-las. Uma das regras de etiqueta dizia que o golfe é jogado em silêncio para não desconcentrar os golfistas. Alguns estudantes riram e diziam nomes de pessoas que falam bastante ... “*Ei, fulano, quero ver você ficar em silêncio a aula toda*”, e os outros

retrucavam com o nome de outros colegas, mas tudo em um clima de brincadeira e coleguismo.

O fato de ser uma atividade rápida, desafiadora, de terem vários espaços para a experimentação fez com que a aula acontecesse em um clima divertido, com risos, comemorações e empolgação, diferente do que havia acontecido nas últimas aulas onde a atividade ia sendo findada por desânimo. Mas logo ao seu final reconhecemos que a regra do silêncio não se fez valer em nossas aulas.

Além da avaliação positiva da forma como a aula foi organizada, um fato que contribuiu muito para que a aula fosse bem avaliada, foi o fato de muitas pessoas conseguirem acertar os buracos na primeira tacada, inclusive muitos estudantes com deficiência. A cada acerto “de primeira” as comemorações atravessavam a aula. O fato da atividade não exigir nenhuma questão corporal que colocasse alguém em desvantagem e a possibilidade de contarem com a “sorte” em alguns momentos, nos fez avaliar positivamente a escolha da tematização, pois diante dessa prática, todos estão conseguindo realizar a atividade sem nenhuma adaptação. Novamente entendemos que as aulas têm se aproximado de garantir a participação de todos, o que consideramos ser importante para os estudantes da EJA, visto que historicamente esses sujeitos não tem acessado esse componente curricular.

A Gracinha, apesar da dificuldade de segurar o taco (ela tem uma deficiência física que inclui má formação nos dedos da mão) e de ficar em pé, acertou praticamente todas as tacadas de primeira e os demais estudantes ficaram surpresos. As estudantes que usam cadeiras de rodas também estavam conseguindo acertar. No caso da Dona Mara, uma senhora com deficiência múltipla, que não tem os movimentos dos braços, nós posicionávamos o taco em sua mão e empurrávamos a cadeiras para que assim o taco acertasse a bolinha e a bolinha fosse em direção ao buraco. Em todas as vezes que ela acertou o buraco o sorriso dominou o seu rosto. Apesar de não se movimentar, e de falar pouco e com muita dificuldade, as suas expressões revelavam a satisfação em participar das aulas.

Observamos que os estudantes tiveram mais facilidades de entender as regras do golfe do que do *gateball*, visto que já tinham visto em algum momento esse esporte na mídia. Entretanto, observamos algumas falas preconceituosas e machistas. Um dos estudantes não se conforma quando perdia para alguma mulher e ficava zombando de outros colegas que perdiam para outras mulheres. Esse fato nos incomodou muito, mas sabemos do trato que devemos ter com estudantes da EJA, pois uma fala em que ele se

sinta depreciado pode fazer com que ele abandone a escola novamente, e o nosso papel não é esse, entendemos que era necessárias intervenções, mas no momento não sabíamos que fazer, e por isso deixamos para pensar sobre a questão ao final da aula, pois a ideia era de problematizar tais atitudes, sem expor nenhum estudante.

Levando em consideração o ocorrido na aula anterior, trouxemos para essa próxima aula alguns vídeos sobre o golfe. A intenção era de ampliar e aprofundar os conhecimentos sobre o golfe e também tentar abordar a questão de gênero levantada na aula anterior, por isso garantimos que os vídeos trouxessem a presença de jogadoras, pois isso faria com que esse estudante reconhecesse as mulheres como praticantes do golfe e a partir daí pudéssemos abordar as questões de gênero presente nas nossas aulas.

Foi interessante perceber como em cada turma alguns pontos se destacaram mais do que outros. Havíamos selecionado seis filmes que achamos interessante, mas não exibimos os seis filmes para todas as turmas, conforme as discussões se encaminhavam apresentávamos os próximos vídeos. Os vídeos tratavam das regras, nomes de jogadas, tamanho do campo, os equipamentos utilizados, a pontuação, o retorno da modalidade aos Jogos Olímpicos do Rio em 2016. Um dos filmes era uma animação do Pateta (da Disney), e isso nos gerou alguns questionamentos. Pelo fato de serem jovens e adultos deveríamos ou não passar esse filme? Será que estaríamos infantilizando as pessoas? Isso nos fez levar o vídeo até a coordenadora pedagógica para que ela nos ajudasse a tomar uma decisão. Assim como nós havíamos pensado, na leitura dela não haveria problema, pois, apesar de ser animação, o filme trazia informações em um formato que ao nosso ver ajudaria os estudantes a compreenderem melhor aquela prática corporal.

Observamos que os estudantes com deficiência não prestaram muita atenção nos filmes. Acreditamos que os formatos dos vídeos não contribuem muito, e nós ainda não conseguimos alternativas para auxiliá-los nesses momentos. O filme do Pateta foi passado para apenas uma das turmas, pois achamos que não ajudou muito, as vezes as brincadeiras dele mais dificultou do que ajudou os estudantes, mas percebemos que esse outro tipo de vídeo (animação) possa ser uma possibilidade. Pensamos que talvez um vídeo produzido por nós, utilizando elementos da escola talvez ajudasse, mas essa ideia logo foi superada pelas questões de tempo e recursos disponíveis.

Para as duas estudantes surdas as exibições dos vídeos também não foram interessantes, pois não havia legenda em libras. Mesmo tendo uma intérprete, quando se trata de vídeos há um grande problema, ou elas olham para o filme ou para a intérprete, e aí perdem as imagens na televisão. Outro ponto que dificultava nesse caso, é a presença

de muitos nomes em inglês (jogadas, materiais) o que tornou a tradução para as libras impraticável, pois tanto a intérprete como as estudantes não dominavam esse vocabulário.

Percebemos que a falta de tecnologia assistiva prejudica muitos quando a ideia é ampliar e aprofundar os conhecimentos dos estudantes através do uso de outras linguagens. O que se desenhava até o momento como aulas que estavam conseguindo garantir o direito de todos, nesse momento se mostrou completamente restrita a um grupo. Isso nos faz repensar o quanto precisamos melhorar o nosso planejamento, pois não é aceitável que a aula não garanta a participação de todos que estão presentes. Se não for para contemplar todos, não devemos realizar as atividades.

Apesar das dificuldades ocorridas com a falta de legenda em libras nos filmes, foi notório como a exibição dos vídeos foi um momento de trocas de conhecimentos entre os demais estudantes. As aprendizagens acontecem em todas as direções. Em uma das turmas da tarde, vale ressaltar algumas observações feitas durante a aula. Um dos estudantes relatou sobre a elitização, dizendo que por não possuir arenas ou estádios, isto é, não ser possível um grande número de pessoas assistirem ao vivo, isso gera um distanciamento da prática. Quando nos preparamos para a atividade, em nenhum momento havíamos pensado nessa questão, achamos muito interessante essa observação, e acabamos socializando com as outras turmas esse comentário.

Seguindo as indagações sobre o que foi observado nos vídeos, Maria uma estudante que já trabalhou na casa de uma família em que a figura paterna jogava golfe nos trouxe algumas informações. Ela tinha conhecimentos sobre os preços dos materiais, o peso dos tacos (ela informou que tinha que limpar os tacos e as bolinhas), a quantidade de bolinhas, etc. Ela disse que não sabia quanto, mas que jogar golfe era caro, e que seu patrão pagava R\$250,00 reais para a sua irmã carregar os tacos durante as partidas. Segundo ela, a elitização não era só pelo fato de poucas pessoas poderem assistir, mas também pelos custos da modalidade.

Um outro comentário se deu após essas falas sobre a elitização do esporte. Severino questionou sobre um dos vídeos ser de uma reportagem de um jornal de Pernambuco. Ele questionou se no Nordeste havia golfe, pois lá a pobreza era muito grande. Como pode ter um esporte caro assim em um lugar com tanta pobreza? Aí essa discussão foi grande, pois os demais estudantes diziam que para os ricos havia de tudo, e que mesmo tendo muita pobreza em alguns lugares daquele estado, sempre tem os espaços dos ricos.

Apesar de inicialmente a utilização dos vídeos ter sido pensada para propor uma discussão sobre a presença das mulheres no golfe, nessa aula em que assistimos os vídeos, o estudante que emitia as falas machistas faltou. Dessa forma apenas ressaltamos a presença de mulheres e mostramos que as brasileiras golfistas que participaram dos Jogos Olímpicos no Rio 2016. Comparamos a posição deles no ranking mundial e olímpico e percebemos o quanto o Brasil não tem tradição na modalidade.

Poucos estudantes com deficiência, apesar de assistirem os filmes, conseguiram apresentar as informações vistas nos vídeos. André recordava do nome do “tee⁷”, e do taco, e dizia que tinha que acertar a bolinha no buraco. Já o Nilton – que não possui uma comunicação oral convencional – fazia os movimentos das tacadas.

Em mais de uma turma os estudantes informaram saber da existência de um campo de golfe na região de Osasco, a mais ou menos uns 7km da nossa escola, mas todos afirmaram nunca ter entrado lá. Diziam que era chique, coisa de rico.

Após essa atividade e a partir dessas falas dos estudantes imaginamos a possibilidade de tentar uma visita a esse clube, mas após conversarmos entre nós acreditamos que poderia ser uma experiência não muito agradável, pois reconhecendo que os nossos estudantes são das camadas mais populares, não saberíamos como as pessoas os tratariam em um local onde a presença dessas pessoas em geral não existem, ou quando existem são nas funções de serviços. Acredito que nós acabamos por fazer um prejulgamento, mas ante a possibilidade de fazer os estudantes passarem por uma situação ruim ou vexatória, optamos por nem tentar a visita.

Diante das observações feitas através dos vídeos, as nossas aulas foram tomando outros contornos. Conforme vimos, haviam diferentes tipos de tacos, para cada situação do jogo, existe um equipamento de onde é feita a primeira tacada, o “tee”, havíamos visto como se segura o taco, o movimento do “swing⁸”. A assistência dos vídeos nos ajudaram a enxergar melhor o golfe. A partir daí, passamos a tentar fazer algumas das coisas vistas no vídeo.

Uma grande dificuldade foi o fato dos “jargões” do golfe serem em grande parte em inglês. Isso gerou muitas dificuldades entre os estudantes. Lembrando que são os estudantes das etapas de alfabetização, e que tem poucas vivências com a língua inglesa. Essa também foi uma observação feita por eles. “*Professora, porque os nomes são todos*

⁷ Suporte para colocar a bola, na primeira tacada de cada buraco, para facilitar a primeira tacada.

⁸ Movimento de rotação que o corpo faz para efetuar a tacada de golfe e que produz o efeito de propulsão, que dá distância às tacadas

em inglês? ”. Nós acabamos por inferir que esse também possa ser um dos fatores que distancia a maioria dos brasileiros das camadas populares desse esporte, começando pela ausência de conhecimentos de uma outra língua que acaba dificultando o entendimento dos códigos do esporte.

Na tentativa de nos aproximarmos um pouco mais do esporte, para que pudéssemos entender melhor aquela prática corporal, compramos dois saquinhos de “tee”. Esse é um dos equipamentos mais baratos do golfe, cada saquinho com 10 custou R\$9,90. Acreditamos que a tacada de cima do “tee” seria diferente, pois em muitos momentos das aulas eles arrastavam o taco no chão para conseguir acetar a bolinha. A partir da tacada nesse novo equipamento, a gestualidade teria que ser diferente, um pouco mais próxima do que vimos no filme.

O “tee” é um equipamento que precisa ser fincado na grama, na areia ou na terra, e as nossas aulas aconteciam no asfalto. Para solucionar esse problema, fizemos algumas bases de massinha para colocá-los e assim os estudantes puderam experimentar uma outra forma de dar as tacadas.



Figura 4 - Adaptação com a massinha para conseguirmos colocar o “tee” nos nossos jogos

Com essa nova possibilidade de realizar as tacadas, os estudantes se encorajaram um pouco mais em tentar algumas coisas vistas nos vídeos como o jeito de segurar o taco e o próprio “swing”. Eles riam e diziam: *Não esqueça de dar a reboladinha!*

Durante essas aulas observamos que os estudantes se ajudavam, mas muitas vezes não usavam o que havia sido visto nos filmes, pois as condições eram muito diferentes. *Professora, no vídeo fala pra continuar o movimentos até o final, mas isso é só para tacadas longas...aqui eu tenho que bater bem curtinho, para que a bolinha vá rápido e na direção.* Alguns estudantes já faziam as leituras das diferenças entre jogar no campo de golfe (gramado) e na rua.

De maneira geral todos se mostraram participativos e concentrados no jogo. Observamos um contentamento dos estudantes com deficiência por estarem participando de maneira efetiva assim como os outros estudantes., diferente do que havia acontecido no slackline. As alunas mais velhas também se apresentavam envolvidas com o trabalho. Em alguns momentos notávamos as pessoas sentadas observando a aulas, mas percebíamos que estavam aguardando a sua vez. O local onde as aulas acontecem geram esse “problema”. Por ser um espaço pequeno, e ter uma sombra de uma árvore na beirada da rua, os estudantes acabam por se sentar durante a espera. Se não estivermos atentas ao que está acontecendo, temos a sensação de que eles não estão na aula, mas ao observarmos bem, essa é uma prática comum de alguns estudantes. Muitas vezes eles se sentam para assistir os colegas. Enfim, a aula na rua gera outras configurações.



Figura 5- Enquanto alguns jogam os demais aguardam sentados.

As partidas durante as aulas começaram a ficar mais disputadas, pois alguns estudantes entenderam a lógica do jogo, porém não conseguíamos mudar de um espaço para o outro com as tacadas por causa da questão do asfalto e da inclinação da rua. Portanto o nosso jogo não tinha um percurso, mas uma ordem de tapetes em que se jogaria na sequência.



Figura 6 - Diferentes tapetes para as jogadas

Aconteceram disputas bem acirradas e não tivemos um perfil de vencedores. Homens, mulheres, pessoas com deficiência, idosos, seja quem fosse, tiveram êxito nas disputas, visto que em alguns momentos contavam com a sorte, e que por não haver ninguém em condição superior com relação a essas vivências, todos estavam em condição de vencer.



Figura 7 - Comemoração do estudante após vencer a partida

Um professor da escola tinha um taco de golfe e ao ver o trabalho que estávamos realizando o levou para a escola e nos emprestou, mas ele tinha apenas um, e era o taco que se utiliza para finalizar a jogada no buraco, o que nos interessou bastante, pois era o que mais se aproximava da nossa realidade. Também conseguimos emprestada uma luva de golfe, e na aula seguinte levamos esses dois equipamentos para que os estudantes experimentassem. Vieram perguntas do tipo: *cadê a outra luva? Por que se utiliza apenas em uma mão?* Para essas respostas precisamos retomar o que havíamos visto nos vídeos. E a resposta era que se utiliza apenas uma luva para dar mais aderência ao taco.

Alguns estudantes gostaram de utilizar o taco oficial, outros acharam mais difícil. Afirmaram que o nosso taco de madeira tinha uma superfície maior, o que facilitava na hora da tacada. Em relação aos tacos, percebemos que mesmo após os vídeos, cada um continuou fazendo a pegada que se sentia mais confortável, porém afirmávamos o tempo todo que para tacadas de longa distância aquela forma de segurar o taco não seria vantajosa.



Figura 8 - Cada estudante escolheu a melhor forma para segurar o taco

Percebendo que as poucas possibilidades que o espaço físico nos oferecia estava esgotando a realização das práticas, sugerimos que na próxima aula fossemos realizar o jogo no Parque da Providência, que fica a 900 metros da escola. O parque não possui nenhum espaço específico para o golfe, apenas imaginamos a possibilidade de jogarmos em um espaço maior, plano e gramado. Os estudantes toparam e então combinamos que permaneceríamos lá durante todo o período da aula. Conversamos com as professoras das turmas e deixamos tudo organizado para a atividade no parque, o que inclui a autorização de saída para a participação em atividades externas para os estudantes menores de 18 anos e para os estudantes com deficiência. Quando marcamos atividades da escola nesse parque, alguns estudantes vão direto, pois seus ônibus param no ponto em frente ao parque e outros combinam de se encontrar na escola e vão caminhando em grupo.

No dia da atividade no parque, montamos todo o percurso com os nossos “buracos” e iniciamos a aula retomando o objetivo do golfe, que é de acertar a bolinha em todos os buracos com o menor número de tacadas. Recordamos algumas regras e evidenciamos que naquele contexto – espaço maior – seria necessário a utilização de mais força para as tacadas de longa distância, por isso algumas formas de segurar o taco não dariam certo. O objetivo desta aula era que os estudantes pudessem ter uma vivência um pouco mais aproximada do que é o golfe, e entendemos que foi o formato mais próximo que chegamos.

Para essa aula no parque, pintamos os “buracos” de vermelho para que ficassem mais visíveis no meio do gramado, montamos o percurso utilizando bandeiras para mostrar onde estavam e cada estudante recebeu uma bolinha com uma marca diferente para que não houvesse confusão com as dos colegas e um “tee”. A experiência nesse outro

contexto foi mais difícil, mas ao mesmo tempo gerou mais desafios e quando eles conseguiam algumas jogadas/tacadas bem-sucedidas eles comemoravam muito. Observamos que faltaram alguns estudantes, mas os que foram estavam bem animados e competitivos. Vimos disputas, brincadeiras, tentativas de superação e momentos em que retomavam o que havia sido visto nas aulas.

Os estudantes com deficiência tiveram mais dificuldades com as jogadas de longa distância, principalmente pela maneira como seguravam no taco, mesmo com as nossas informações, eles permaneceram usando as técnicas que já haviam criado. Também notamos que eles não se importavam muito com a quantidade de tacadas que davam antes de conseguir acertar o buraco, o que lhes interessava e era comemorar cada acerto no buraco. Nesse momento identificamos que a maioria dos estudantes com deficiência não haviam compreendido o objetivo do jogo – de cumprir o percurso com menos tacadas - mas eles compreendiam que acertar os buracos era uma das formas de pontuar. Pensando um pouco sobre essa questão, percebemos que não verificamos se esses estudantes compreendia os conceitos de maior ou menor, enquanto eles viam que quando a bolinha entrava no “buraco”, todos comemoravam. Infelizmente nos demos conta disso ao final do trabalho, durante a nossa avaliação final, mas isso será um ponto importante para os nossos próximos trabalhos.

Muitos estudantes afirmaram que a vivência no parque foi muito mais legal do que na escola porque permitia que a jogada acontecesse sem a intervenção da inclinação da rua.

Em alguns momentos, quando alguém ia ajudar o colega buscando o taco ou a bolinha os outros se referiam a eles como o “carregador de tacos”, que havíamos visto no vídeo, mas eles não se recordavam no nome correto que é “*caddie*”. Essas dificuldades com as nomenclaturas em inglês além de atrapalharem durante as aulas, nos fez abrir mão da tentativa de um registro escrito. Já estávamos enfrentando as dificuldades com registros escritos há alguns trabalhos, pois por se tratar de um grupo que está no início da alfabetização nem sempre os registros escritos revelam os seus conhecimentos, pois ao se preocuparem com a escrita correta, focam mais os seus esforços em escrever correto do que em registrar os conhecimentos. Estamos tentando pensar em novas possibilidades para esses registros.



Figura 9- Imagens da vivência do golfe no Parque da Previdência

Finalizando o trabalho, conversamos com os estudantes e fizemos um levantamento do que foi estudado. Perguntamos o que eles haviam aprendido, o que gostaram, o que ficou faltando nas aulas, o que aprenderam. As respostas nos surpreenderam, pois achávamos que algumas coisas haviam passado despercebidas, mas eles mostraram que não.

Os estudantes nos disseram que gostaram de conhecer um esporte novo, mas os mais jovens acharam que foi chato, pois a rua atrapalhava muito as jogadas. Em geral, gostaram mais do golfe do que do *gateball*, pois não compreenderam muito bem aquela prática corporal. Também gostaram das aulas que tivemos algum tipo de competição. Em algumas turmas as mulheres gostaram de fazer homens contra mulheres, e essas não eram as turmas que tivemos a fala machista.

Percebemos que as falas dos estudantes em geral se remetem ao que foi vivenciado nas aulas. Não trazem muitas falas sobre as questões discutidas sobre o grupo social que pratica, ou os porquês dos nomes em inglês, dentre outras questões.

Perguntamos se havíamos seguido as regras, e um estudante prontamente disse que a regra do silêncio não passou nem perto. Outra estudante disse que algumas regras sim, outras não porque não tínhamos o espaço adequado. “*Tirávamos a bola da sarjeta ou da árvore, e isso não é permitido – o Pateta dizia: Nunca mexa na bola!*” Essa fala foi muito interessante porque além de trazer uma alteração que fizemos na regra para o nosso jogo na escola, ela ainda retomou algo visto no vídeo, vídeo esse que nós nem passamos para todas as turmas por achar que não seria interessante.

Dessa forma percebemos que apesar da distância existente entre o golfe e os estudantes dessa escola, de alguma forma essa prática já cruzou suas vidas em algum momento. Ora como trabalhadores que se deparam com pessoas que praticam o golfe, ora com imagens em novelas ou filmes, ora como pessoas que circulam nos espaços e conhecem os lugares de prática. Eles sempre tinham informações ou dúvidas sobre a prática corporal, o que nos ajudou a conduzir o trabalho.

Apesar do trabalho ter mudado de rumo no início, quando desistimos de estudar o *gateball*, o que traria uma prática que está muito próxima de nossa escola, e termos ficado com uma modalidade tão distante dos nossos estudantes, percebemos que a prática garantiu a participação de todos. Com exceção do episódio dos filmes, onde não tivemos tecnologia assistiva para nos ajudar, o estudo do golfe se mostrou equitativo, garantindo diferentes experiências para todos os estudantes presentes nas turmas, e essa tem sido uma busca nas aulas de educação física nessa escola.